



Director literario:

António de Almeida
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
 PAPUSSE

ANTONINHO AVENTUREIRO

Por Ermelinda Martins Pereira
 Desenhos de Eduardo Malta



UMA pequena aldeia muito linda, vivia um moleiro que tinha um filho muito esperto e alegre, chamado Antoninho, que apenas contava 11 anos de idade.

Logo pela manhã, era um gosto vê-lo de mãos na algibeira, bonet na cabeça, cantando alegre-

mente atrás do jumentinho carregado de sacos de grão de trigo ou centeio a dirigir-se para o moinho.

À tarde, de volta para a aldeia, lá vinha ele pela estrada fóra mais o seu burrinho, trazendo as sacas de farinha, para as bôas das freguesas que o mimoseavam sempre com alguma gulodice por ele apreciada.

Mas Antoninho, sempre muito alegre, ora cantando atrás do jumentinho que fitava as compridas orelhas ao ouvir a voz cristalina e sábia do seu pequenino dono, ora rindo em francas gargalhadas ao jogar a cabra-cega ou o eixo com os outros garotinhos, não se sentia feliz com a sua vida.

Como ele desejaria conhecer o mundo, as grandes cidades, as enormes máquinas, os navios, os automóveis, os aeroplanos, ele que só conhecia a sua aldeia, os carros dos bois, o seu burrinho e a água límpida do rio da qual vinha o ganha pão do pai.

Era certo que a sua terra era muito linda, banhada por um rio sobre o qual se debruçavam os salgueiros e os choupos, onde os rouxinóis iam cantar as suas melodias e de água tão transparente, tão límpida, que deixava ver os peixinhos prateados que corriam uns atrás dos outros, muito brincalhões, muito desembaraçados.

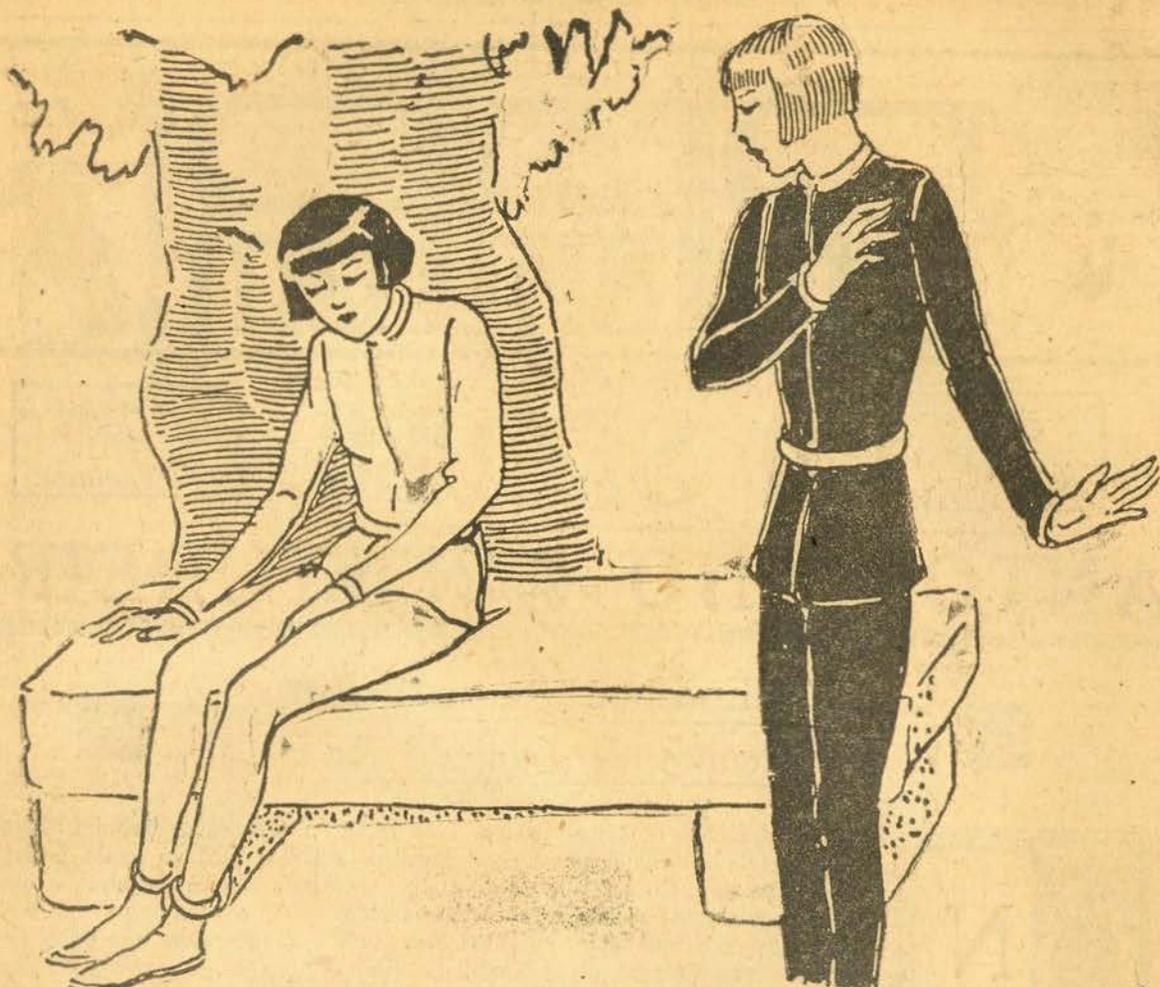
Muitas vezes, encostado à porta do moinho, ele

ouvira com agrado o cantar das lavadeiras que, ali perto, lavavam a roupa, ficando muito branquinha, muito linda, cheirando depois na arca, a alfazema ou a rosmaninho.

Oh! Mas como a cidade deve ser linda, pensava Antoninho, fitando os olhos na corrente da água. Dizem que é banhada por um rio tão grande, tão gran-

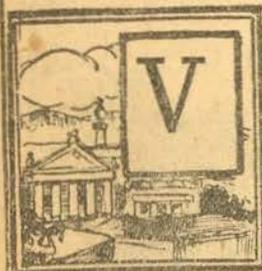
(Continua na página 4)





OS DOIS PAGENS DE SOLIFENA

Por Fernando A. Simões
Desenhos de Eduardo Malta



AMOS, meu amigo; senta-te aqui e conta-me o que se passa nêsse teu coração. Há já algum tempo, tenho notado que se acentuou a tua, já antigamente grande, tristeza.

«Não ris, não brincas, não vais aos teatros, não vais às caçadas de sua majestade, enfim, dir-se-ia que a vida não tem para ti atractivo algum.

«Es jovem, como eu, és rico, como eu, e tens sobre mim a enorme vantagem de ser formoso...

— Oh!...

— Sei o que vais dizer: que os meus cabelos louros não ficam atrás, em formosura, aos teus cabelos pretos; que a minha pele, branca como é, não é inferior à tua pele morena, e que os meus olhos azuis são tam formosos, senão mais ainda, do que os teus olhos pretos. Sim, eu sei, é isto sempre o que costumás dizer, mas pudesse eu, e tu verias com que satisfação eu mudaria nas tuas, as côres das minhas feições.

— Que ouço?! Pois tu, tam louro que lembrás a alegria dum lindo dia de verão em que o sol, eterno bemfeitor

da humanidade, dardejasse a pino os seus raios benéfico sobre a terra, quererias ser como eu, escuro e triste com uma tarde friorenta de inverno?

— Sim, meu poeta. Desejaria ser, não escuro e triste como uma tarde friorenta de inverno, mas moreno como a sombra repleta de delicias a que se acohem os viandantes, quando, nas tardes calmosas de estio, o sol, eterno bemfeitor como tu lhe chamas, os queima implacavelmente.

«Mas ponhamos isso de parte, e deixa-me continuar. Tal como eu, és nobre, jovem e rico. Mais do que eu, és formoso. Porque motivo, pois, eu encontro na vida tantos atractivos, enquanto que tu lhe não encontras nenhum?

«Vamos, meu amigo, É isso que eu quero que me expliques. São os motivos dessa tua tristeza, para mim, inexplicável.

«Sempre conheci o teu coração frio e insencível às setas de Cupido. Se assim não fora, diria que estavas apaixonado.

«Mas ainda que assim iôsse, isso não era o suficiente para estares triste. Ora olha para mim, meu querido Fausto. Que vês? Um rôsto sorridente e um parecer alegre e bem disposto, não é verdade? Pois bem! Apesar disso, eu estou apaixonado.

— Tu?!

— Eu, sim! Não rias. Porque até hoje apenas tenho

brincado, imaginas talvez que sou como tu, incapaz de me apaixonar. Pois juro-te que te enganas, e se eu te disser o nome daquela que amo, tu verás que se não trata duma brincadeira, por isso que não é pessoa com quem se brinque.

— Quem é? Dize e ajuizarei depois.

— A nossa princesa! A divinamente linda Sofilena! Como se uma faísca electrica o impelisse, Fausto, o pagem moreno e triste, levantou-se e fitando angustiado Fernando, o pagem louro e alegre, exclamou com voz alterada:

— Amas? Estás bem certo de que a amas?

— Juro-to.

— Oh! Pobre amigo! Que infelizes somos!

— Porquê, Fausto? Dize, porquê?

— Porque... porque também eu a amo!

No seu principesco quarto, Sofilena, a linda princesa, simulava ler um livro que tinha entre mãos: — Na realidade, porém, não lia coisa nenhuma, pois que, de quando em quando, o peito se lhe alterava num suspiro, e os seus olhos vagueavam pelo espaço.

Em certa altura, porém, fechou o livro e, levantando-se, dirigiu-se à janela.

Esta dava para o mar, que, nos dias de ressaca, batia furiosamente de encontro às muralhas do palácio.

Durante alguns momentos pareceu-lhe interessar-lhe o ruído e os montes de espuma que as ondas faziam, mas por fim, sem dúvida por ter outros pensamentos que mais a preocupassem, abandonou a janela e sentou-se numa vasta poltrona.



— Sofilena, murmurou ela como que falando consigo própria, como resolves tu este problema?

«Amam-te os dois, e tu... tu amas os dois também. Qual deles é o mais digno do teu amor? Ambos são nobres, jovens, ricos e formosos, e amam-te com igual intensidade. Ambos são, por conseguinte, dignos do teu amor.»

«Meu Deus! Meu Deus! Que problema tam difficil de resolver!»

Calou-se. Os seus olhos vagueavam pelo aposento, como que pedindo a resolução a tudo quanto a cercava. Tê-la-fa encontrado?

Talvez, porque, resolutamente, dirigiu-se a uma sala, contigua ao seu quarto, onde, com um pequeno martelo de prata bateu numa espécie de gong que se via sobre a mesa, ao meio da sala. Imediatamente appareceu uma das suas aias, inquirindo, sollicita; o que desejava Sua Alteza.

— Dize a Fausto e a Fernando que venham aqui. Que se não demorem!

Momentos depois entravam os dois pagens, varrendo o chão com as plumas dos seus chapéus, em rasgados cumprimentos à princesa.

— Sentai-vos nessa poltrona, meus amigos.

E dizendo isto, Sofilena sentava-se noutra, em frente da primeira.

— Mandei-vos chamar para me ajudardes a resolver um problema que ao Destino aprouve apresentar na minha vida. Compreendo o espanto que as minhas palavras vos causam, e por isso, vou tornar-me um pouco explicita.

Parou um momento, como se hesitasse em falar, mas por fim suspirou e continuou com resolução:

— Ontem à tarde vós tivestes, entre ambos, uma conversa confidencial. Vós, Fernando perguntastes a Paulo os motivos da sua tristeza, e elle não queria dizer-vo-los...

Ao ouvirem estas palavras os corações dos dois pagens pulsaram precipitadamente, porque ellas significavam que a princesa estava ao facto de tudo quanto elles, na véspera, haviam dito.

Segundo os seus temperamentos, Fernando corou como uma romã, e Fausto empalideceu intensamente.

Sofilena notou-o. Sorriu-se e continuou:

— Por fim, depois de terdes contado tudo o que se passava no vosso coração, elle confiou-vos também o que havia no seu.

«Ora... eu sei tudo. Estou informada de tudo quanto vós disstes. Como? De que maneira?»

«Não importa. O essencial é eu saber. E como sei, vejo-me collocada numa falsa posição, porque... se é verdade que vós ambos me amais igualmente... não é menos verdade... que eu vos amo, a ambos, igualmente também.»

(Continua no próximo número)



(Continuado da 1.ª página)

de que custa a ver o outro lado. Navegam nêles grandes navios; onde vai muita gente, muito mais que os habitantes da nossa aldeia. Que tem carros muito lindos que andam sósinhos e uns outros chamados aeroplanos que andam pelo ar, como se fossem pássaros!

E tudo isto lhe fazia uma grande confusão que cada vez lhe acentuava mais a curiosidade de correr mundo, de ver tantas coisas bonitas, que existiam para o outro lado da serra, muito longe da sua aldeia. Outras vezes, nas horas de folga, entretinha-se a brincar aos navios, numa pequena jangada que estava amarrada ao tronco dum velho salgueiro, cujos ramos mergulhavam na água, como para melhor escutarem, o doce murmúrio do rio.

Como êle andava satisfeito naquele vai-vem contínuo da jangada que êle fazia mover com auxílio dum pau, virando-a ora para aqui, ora para acolá.

Um dia, numa linda tarde de verão, lembrou-se êle de cortar a corda que prendia a jangada para ir pelo rio fóra a saborear aquele passeio fluvial, como se fôsse num barco muito grande e muito lindo, do qual êle fôsse o comandante.

Depois, quando já estivesse enfadado voltaria atrás com a ajuda da pequena vara, que lhe serviria de remo.

Antoninho, esfregando as mãos de contente, por tão súbita ideia, tratou de pôr, «mãos à obra».

Com um pequeno canivete, cortou a corda e, com a vara, desviou da margem a pequena jangada; esta começou deslizando suavemente sob o impulso da corrente.

Antoninho batia as palmas, cantava, ria, ora pulando sobre as tábuas mal pregadas da jangada, ora mergulhando na água transparente as pequeninas mãos, procurando agarrar os peixinhos que vinham à superfície da água, a olhar para êle, muito brincalhões, muito desembaraçados, ora agarrando na vara e manejando-a como se fôsse um remo, procurando imitar o senhor doutor que costumava dar um passeio pelo rio num barquinho seu.

A pouco e pouco a corrente do rio ia-se tornando cada vez mais forte devido à inclinação do solo, arrastando consigo a jangada, que cada vez se afastava mais da aldeia natal.

Como Antoninho ia contente vendo deslizar pela água a frágil jangada, sem que para isso fôsse necessário os seus esforços!

Mas de súbito estremeceu; notava que a jangada era arrastada pela água do rio com grande velocidade e que o Sol começava a desaparecer no horizonte.

Como êle deveria já estar longe, muito longe do moinho e da sua aldeia!

Procurou com a vara fazer voltar a jangada pelo caminho percorrido mas não tinha forças para lutar com a corrente da água que era fortíssima.

Lutou por algum tempo, chorandó, gritando por socorro mas ninguém o ouvia.

Aonde iria parar?

Antoninho assustado, agarrava-se ás fracas tábuas da jangada para não cair dentro da água.

O Sol tinha já desaparecido no horizonte, deixando uma mancha vermelha no límpido azul celeste.

Os passarinhos procuravam nas árvores um abrigo para pernoitar.

Lá ao longe, muito ao longe, viam-se os pastores acompanhados das meigas ovelhinhas e dos cães amigos, dirigirem-se para as herdades.

A essa hora na pequenina ermida da sua linda aldeia soavam os primeiros toques das Avé-Marias:

Dlim, dlim, dlão; dlim, dlim, dlão; ecoados nos ouvidos de Antoninho, como se ele fôsse andando pela estrada fôra, acompanhado do seu burrinho a caminho da aldeia.

Tirava depois o bonezinho e começa a rezar a Avé-Maria que a sua falecida mãe lhe tinha ensinado, enquanto o jumentinho caminhava pela estrada, toc, toc, toc...

E num gesto habitual, juntou as mãos erguendo-as ao céu numa súplica.

A jangada continuava correndo correndo muito; já no firmamento começavam a brilhar as primeiras estrelas e a terra a ser envolvida por densa escuridão.

Ouvia-se o cantar dos grilos e o piar agoireiro môcho.

Os pirilampos vinham de vez em quando pôr uma mancha luminosa na negridão da noite.

Antoninho começava já a ter medo. Os salgueiros e os choupos, pareciam-lhe grandes gigantes de enormes barbas que procuravam agarrá-lo. Aqui via uma sombra, acolá um vulto em atitude de quem espreita.

Quando passava perto de algum bosque, ouvia muitas vozes falando todas ao mesmo tempo, como se lá estivesse reunida muita gente.

Serão feiticeiras?

Pensava Antoninho agachando-se muito, trémulo de medo e tapando a cara com as mãos, para não vêr as árvores que lhe pareciam fantasmas, dançando em atitudes macabras.

De repente solta um grito.

Oh! Meu Deus que susto, exclamou Antoninho!

Pensava já que uns braços formidáveis o agarravam, levando-o para alguma caverna de ladrões ou para algum baile de bruxas, como aquele que a gente da sua aldeia, dizia vêr altas horas da noite, lá para os lados do cruzeiro!

A jangada tinha parado.

Uns enormes pedregulhos onde a água fazia um pequeno redemoinho tinham impedido a sua passagem. Antoninho pensou em atravessar o rio e dirigir-se para a margem que estava muito perto, mas tinha medo, muito medo.

Ele bem via uns olhos muito grandes a espreitá-lo e a seguir todos os seus movimentos.

Não, não; ele não queria estar ali parado, queria correr muito, fugir, fugir, para que o não pudessem agarrar.

Batendo os queixos num tremor convulso, os olhos esgaseados, quasi sem fôrças, desviou com as mãos a jangada, das enormes pedras que o retinham.

Depois, sentiu que se precipitava num abismo muito grande; a água envolvia-o todo, fazendo-o rodar vertiginosamente sobre si mesmo.

Antoninho sem vêr nada, doido por um ruído ensurdecedor e pelo vai-vem continuo e ligeiro da jangada, agarrava-se com todas as fôrças ás frágeis tábuas.

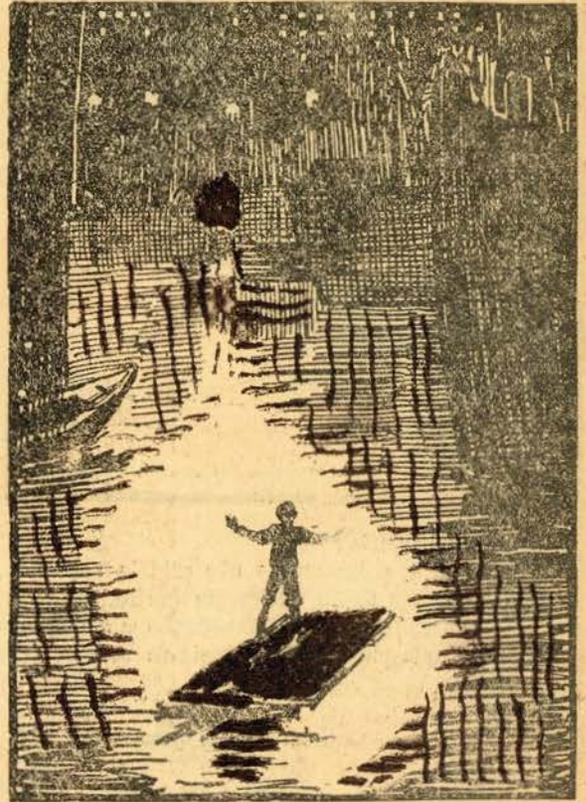
Tinha sido com certeza um monstro, de gueias

enormes roncando assustadoramente, que o tinham engulido.

Antoninho com os olhos fechados escutava. Onde estaria ele?

Sentia-se tôdo encharcado e lá ao longe ouvia um pequeno ruído. Abriu os olhos e olhou para trás; avistou uma pequena cascata, cuja água espumante saltitando de pedra em pedra fazia um ligeiro barulho.

Antoninho sabia agora a razão porque se encon-



trava tôdo molhado e recordava-se do trambulhão que tinha dado, agarrado à jangada.

Nenhum monstro o tinha engulido; tinha sido a queda da água que o tinha feito andar por alguns minutos num redopio constante.

A jangada era agora arrastada muito suavemente e pelo rôsto de Antoninho, perpassava a carícia suave duma arágem amêna.

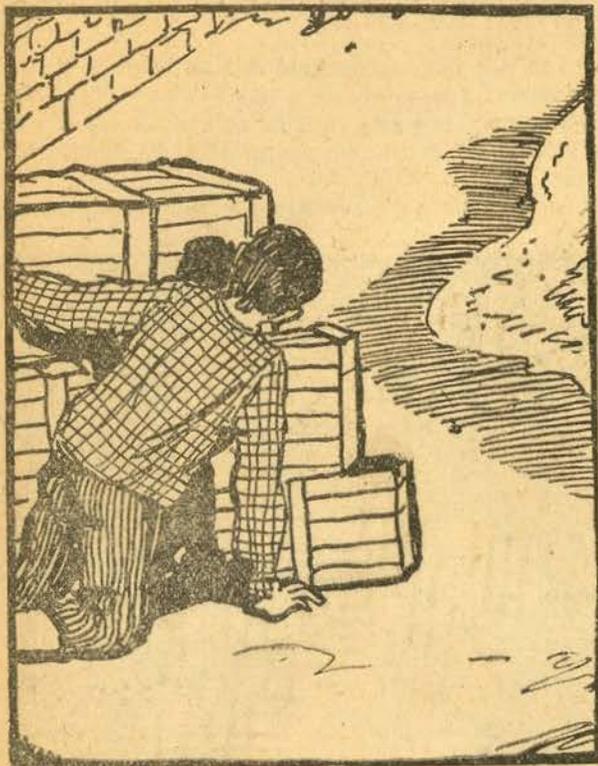
Já refeito do susto olhou em redor admirado. O rio era agora muito largo, muito grande e nas margens lá muito ao longe via muitas luzes, muitas, muitas.

No meio do rio via alguns vultos enormes, que se conservavam muito quietos, parecendo enormes dragões de olhos reluzentos. Antoninho afirmou-se melhor e soltou um grito de espanto. Aqueles vultos, eram os grandes navios, bem os conhecia ele; eram iguais aos das estampas que o senhor professor lhe tinha mostrado um dia.

E mais além, lá estava a cidade bonita, com casas muito altas, muitos carros, muitas luzes.

A jangada ia-se aproximando sob o impulso das pequenas vagas da margem direita.

Antoninho via agora distintamente uma linda cidade.



Como se chamaria?

Preguntava a si mesmo se não estaria sonhando, quando a jangada tocou finalmente em terra.

Antoninho saltou ligeiro, começando a andar com dificuldade, porque a terra movia-se sob os seus pés.

Era uma praia.

Já tinha andado um bom bocado quando ouviu vozes que diziam:

Vai por aí que êl fugiu para êsses lados!

Andariam à sua procura?

Aterrado, escondeu-se atrás de um monte de caixotes, que ali perto existia e, agachando-se muito bem, sem fazer qualquer ruido, viu uns homens com fardas semelhantes ás dos guardas republicanos da sua aldeia.

Iriam prendê-lo?

Pensava Antoninho muito alicto!

Mas, como era esperto e ladino, notou que não era dêle que se tratava e apenas viu os guardas longe, saltou fóra do esconderijo e deitou a correr, até chegar á primeira rua que encontrou.

Estava finalmente numa cidade.

Muito admirado, de olhos muito abertos e de narizito no ar, olhava para os grandes candieiros que iluminavam as ruas, para as casas muito altas, com muitas janelas, umas por cima das outras, para uns grandes letreiros que se acendiam e apagavam constantemente.

Começou a andar, passou por ruas muito estreitas

e escuras e por ruas muito largas e iluminadas, com jardins e muitas árvores.

Já tinha andado muito, quando começou a sentir-se fatigado; a fome principiava também a torturá-lo.

Pediria um bocadinho de pão.

Mas a quem?

Tudo aquilo era desconhecido para êle!

Lembrou-se da sua aldeia, do seu pai, da arca grande cheia de bom pão e começou a soluçar.

Sentou se, por fim, num pequeno degrau duma porta e adormeceu.

A madrugada vinha rompendo.

Após ter adormecido algumas horas, acordou sobresaltado.

Viu-se rodeado de muita gente, que o olhava compadecida.

Um polícia de olhar carrancudo e de voz grossa perguntou-lhe:

Como te chamas?

Aonde moras?

Antoninho a tremer, a tremer muito, como se tivesse frio escondendo a cara entre as mãos, começou a contar a sua aventura.

Ouviu-se por entre a assistência admirada, vários comentários.

Uma mulher, ao lado, dizia:

Pobre mocinho, como deve ter fome!

Outra aconselhava; levem-no para a esquadra e mandem-no para a terra dêle.

É bem feito, deve ficar-lhe de emenda, acudiu logo outra.

Por fim após várias discussões, o polícia decidiu-se a levar Antoninho para a esquadra mais próxima, seguido de alguns curiosos que desejavam vêr o epílogo da aventura.

Viu-se depois rodeado de polícias, que o não largavam com perguntas.

Quem é teu pai? Como se chama? Como vieste aqui parar?

Antoninho apenas respondia por monossílabos, porque os soluços o impediam de falar.

Não chores mais, meu pequeno, disse-lhe um dos que parecia ser o chefe. Em breve verás o teu pai e a tua aldeia.

Então Antoninho o que viste lá p'la cidade? Perguntavam uns.

É muito grande? Perguntavam outros.

Antoninho abraçado a seu pai, via-se agora rodeado pelos habitantes da sua aldeia, que, cheios de curiosidade, o ouviam com atenção.

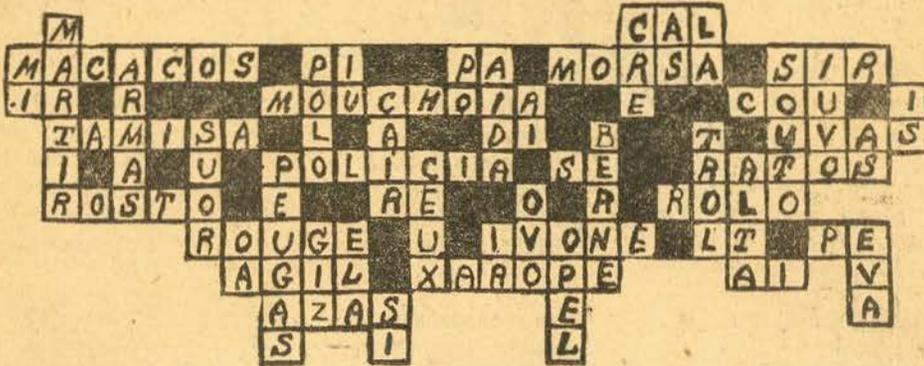
Ouviu-se os primeiros sons do sino da ermida tocando a Trindades. Houve um pequeno silêncio em que cada qual dirigia a sua oração a Deus e a conversa continuou, prolongando-se pelo serão daquela boa gente de aldeia.

===== F I M =====

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

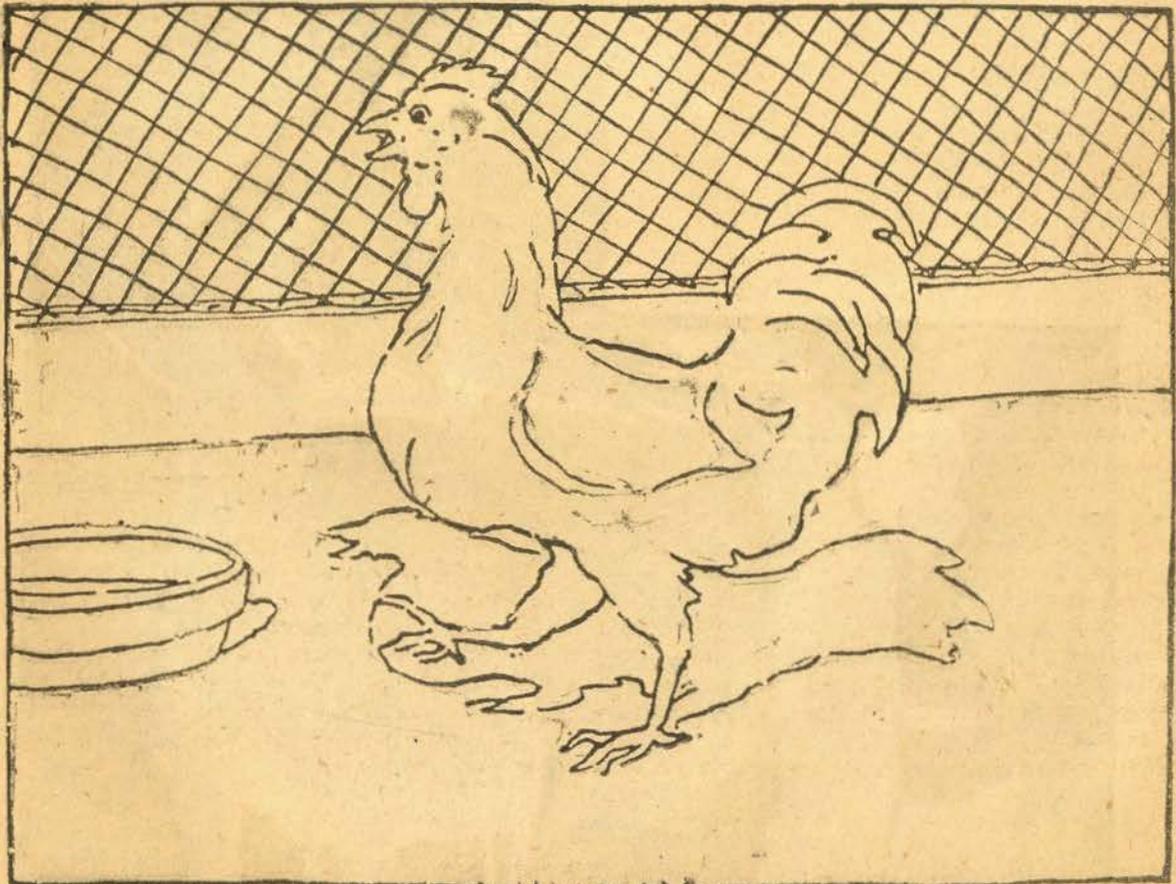
Solução do número anterior



Solução do enigma pitoresco do número anterior

— José, a aguardente dá cabo de ti. Enganas-te, Maria, eu é que já dei cabo dela.

PARA OS MENINOS COLORIREM



CAMINHO DA ESCOLA

POR AUGUSTA DE CARVALHO
DESENHO DE EDUARDO MALTA

Anda cá, Pedrinho,
Dizer a lição.
Anda cá, senão
Levas um açoite...
Já é quasi noite
Anda cá, Pedrinho!...

Por nada saber
A mestra raliou,
E ele inda apanhou,
—(Para ter emenda.)—
Sobre a reprimenda,
Palmada a valer.

Diz-lhe a mãe, então,
N'uma voz serena,
Disfarçando a pena:
—«Vês, filho, o castigo?!
Deus não é contigo,
Porque és mandrião!

Mas Pedrinho é tonto,
Só quer é brincar,
E para estudar
Acha sempre cedo,
Nunca tendo medo
De apanhar mau ponto.

Teve o rapazinho
Tamanho desgosto,
Que levava o rosto
Todo numa brasa,
Ao entrar em casa,
Envergonhadinho.

Desde então, com tino,
Só quiere ir brincar
Depois de estudar...
Já tem o juízo
Que é muito preciso
A todo o menino!

Um dia a mãezinha
Para o ensinar,
Deixou-o brincar
Pela noite fóra,
Até ser a hora
De ir para a caminha.

E no outro dia
Lá vai o Pedrinho
De manhã cedinho,
Ao ombro a sacola,
Caminho da escola
Sem ter alegria.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

